
AS MARCAS HETERONORMATIVAS DA FESTA DE SÃO JOÃO: UMA ANÁLISE AUTOETNOGRÁFICA

THE HETERONORMATIVE MARKS OF THE FESTA DE SÃO JOÃO: AN AUTOETHNOGRAPHIC ANALYSIS

Resumo

Este artigo analisa os aspectos heteronormativos presentes nas festas de São João, a partir de narrativas autoetnográficas desenvolvidas através de memórias, sensações, sentimentos, elaborações à luz de teorias da cosmo-sensação – vistas em autoras africanas como Oyèrónké Oyěwùmí e Sobonfu Somé – além de tratar a autoetnografia como um método de pesquisa antropológica já validado por autores como Walter Goldschmidt e Silvio Matheus Alves Santos. Também, ao narrar as minhas experiências como um corpo homossexual em construção sofrendo as dores do maior festejo junino do Nordeste brasileiro, utilizei-me da teoria de performatividade de Judith Butler, e fiz um percurso autoetnográfico, trazendo para o centro das minhas discussões as marcas da heteronormatividade do São João na minha construção como pessoa, da infância até o presente momento, explorando algumas teorias, mas principalmente sensações, sentimentos e escrituras sobre mim, as quais me fizeram desenvolver a minha subjetividade de homem homossexual no mundo.

Palavras-chave: Autoetnografia. Homossexualidade. São João. Heteronormatividade.

Abstract

This article analyzed the heteronormative aspects in the festivities of São João, from autoethnographic narratives developed by memories, sensations, feelings, elaborations in the light of theories of cosmo-sensation – seen in African authors such as Oyèrónké Oyěwùmí and Sobonfu Somé – in addition to treating the autoethnography as an anthropological research method already validated by authors such as Walter Goldschmidt and Silvio Matheus Alves Santos. Also, when narrating my experiences as a homosexual body under construction suffering the pains of the biggest June festivity in the Northeast of Brazil, I used the theory of performativity from Judith Butler, and made an autoethnographic route, bringing to the center of my discussions the marks of heteronormativity of São João festivities in my construction as a person, from childhood to the present moment, exploring some theories, but mainly sensations, feelings, and writings about me, which made me develop my subjectivity as a homosexual man in the world.

Keywords: Autoethnography. Homosexuality. São João. Heteronormativity.

¹ Poeta, licenciado em história, bacharel em comunicação (jornalismo) e ciências sociais (antropologia), mestre em estudos étnicos e africanos, doutor em antropologia. Professor adjunto na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab). E-mail: marlonmarcos@unilab.edu.br.

INTRODUÇÃO

O São João é uma das festas tradicionais do povo brasileiro, principalmente para o nordestino. A celebração integra o calendário das chamadas festas juninas, figurando entre as mais bonitas e vibrantes e concorrendo no quesito popularidade com a mais popular das festas no Brasil: o Carnaval. Uma festa movida a riquezas culinárias, variedades musicais, quadrilhas de origem europeia reinventadas pela criatividade de uma gente mestiça, sustentada por relações majoritárias do fenômeno socioantropológico das chamadas relações afro-indígenas.

Pensar no São João é acionar maneiras reflexivas sobre o nosso comportamento social que expressa a festa vista como uma categoria de análise na literatura antropológica. Analisada também pela sociologia, ciências do comportamento, psicologia social, pela História, o São João é tratado pelas ciências por meio de várias análises que buscam remontar suas origens nas noites juninas do Nordeste do Brasil, das chamadas pagãs de lugares centrais asiáticos e europeus, até os símbolos cristãos que louvam o mártir católico São João Batista (NEVES, 2017). Na Bahia, vários mitos associam a fogueira sagrada de São João aos orixás Xangô e Ayrá. (LIMA, 2003; LIMA, 2015; MARCOS, 2015; SILVEIRA, 2006). Em Salvador, os terreiros Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca), Ilê Iyá Omi Axé Iyamassê (Gantois) e o Ilê Axé Opô Afonjá (Afonjá) acendem fogueiras na véspera das festas dedicadas a São João (dia 23, associado a Xangô) e a São Pedro (dia 28, associado a Ayrá). Na nação jeje, em Cachoeira, por exemplo, é acessa uma fogueira em homenagem aos voduns Badé e Sobô, no Humpame Huntoloji, na noite de 23 de junho. Na nação congo-angola, também na noite de 23 de junho, o inquite Nzazi, é celebrado em terreiros como o Unzó Tumbenci, de mãe Zulmira de Zumbá, em Lauro de Freitas.

São muitas as assertivas em torno dessa festa. Descrições emocionadas são vistas no expressivo trabalho de Câmara Cascudo (1898-1986) ou sentidas de maneira emocionante na obra fonográfica de Luiz Gonzaga (1912-1986), vozes sintetizadoras ou veiculadoras da enorme criatividade resistente e transformadora do povo do Norte e Nordeste brasileiros. No sentido de ultrapassar a realidade, promover alívio, espalhar beleza, permitir sociabilidades entre nativos e visitantes, o São João cumpre um papel fundamental que personifica uma espécie de ontologia do “humano do interior” no Brasil. Contudo, apesar de cumprir seu papel de fazedora de cultura como festa (TAVARES, 2019), o São João ratifica relações de exclusão acerca das orientações sexuais, como se em seu universo festivo só coubessem expressões afetossexuais ditadas pelo mundo heteronor-

mativo, onde o homem macho fosse exclusivo para a mulher fêmea, engendrando uma noção de normalidade e invisibilidade para as muitas pessoas que não têm suas afetividades vinculadas, no âmbito do público e do privado, a relações heterossexuais.

O objetivo maior deste artigo é analisar as marcas da heteronormatividade de uma festa tão importante para a definição de uma brasilidade que responde pelo interior do nosso país. Heteronormatividade baseada em princípios de uma cisgeneridade² que exclui do seu cenário festivo público as chamadas sexualidades dissidentes e as expressões identitárias de gênero que não correspondam às regras estabelecidas pela visualização da identidade biológica de gênero.

Procuo trazer reflexões que me afetaram na juventude e a outros interlocutores que também sempre estiveram no São João, quando não escondidos em relação à sua vida afetossexual, ficavam “à margem”, desafiando uma ordem festiva que nunca enxergou o direito à diversidade sexual, em que as relações são determinadas em acordo com as heranças patriarcais que são ainda dominantes em nossa sociedade global.

Assim, parto da minha experiência como indivíduo homossexual que, quando jovem, estava preso aos regramentos de um sistema dito como normal e acompanhando amigos e amigas cisgêneros e heterossexuais que aproveitavam a festa do São João sem as restrições que eu experimentava naquele instante histórico como um “gay enrustido”, vendo outros gays assumidos sendo apontados, ridicularizados, rejeitados, mesmo que fossem altivos e ocupassem à força o espaço que as praças forrozeiras insistiam em negar-lhes.

O CENÁRIO DA FESTA E A METODOLOGIA AUTOETNOGRÁFICA DE UMA COSMOSENSAÇÃO

A música era convidativa até para mim que desconfiava daquela alegria. Os constantes estrondos dos fogos de artifício, as comidas postas na mesa (pamonha, bolos de todos os tipos, canjicas, lelês, doces e o concorridíssimo amendoim), o fascínio da fogueira, mulheres em cores e perfumes, homens em cores e perfumes, ensaiavam se “pegarem” numa noite que sempre cheirava a licores, cerveja, pólvora, e a força do desejo sexual ampliada pelos forrós, xotes e xaxados. Muitas ruas e casas enfeitadas de bandeirolas coloridas e as narrativas das conquistas que, além do prazer heteronormativo, indicavam poder para quem

2 Corresponde à tipologia social que identifica as pessoas a partir do chamado sexo biológico, as definindo, por vezes, de maneira contrárias a como elas se sentem profundamente.

beijava mais (os homens) e para quem era mais beijado (as mulheres). Havia os transgressores, os detratores da ordem que ultrapassavam os limites do permitido em público: homem que beijava outro homem, mulher que dançava com mulher, gente que questionava o ultra machismo permitido naquele instante (homens pedindo para serem chamados de cafajestes e mulheres clamando serem chamadas de gostosas, tudinho ao pé do ouvido, mas, ainda assim, alto o bastante para que outros ouvissem). Em dias “normais”, nenhuma mulher aceitaria aquelas coisas em público e os homens se ressentiriam serem chamados de cafajestes. Os transgressores e as transgressoras eram poucos. As narrativas da festa vangloriavam as conquistas masculinas e o poder de atração feminino, meninas e mulheres encantadas com as disputas de salão. Para mim, restava muito amendoim, cerveja até ficar bêbado e desentristecer, algumas danças obrigadas, meus ouvidos passivos às confissões da felicidade alheia, o céu tão lindo... havia radiante em mim, aquela voz de tanta beleza, tanta tristeza... havia a voz de Luiz Gonzaga.

O São João me remexia e, em plena festa, no silêncio do pensamento, eu dizia: não quero isso para mim, eu não pertenço a essa festividade, que chegue logo meu Carnaval. Eu sei que é de junho fazer frio no interior da Bahia, até um pouquinho na Salvador em que nasci. É de junho a trezena do meu amado Santo Antônio. E, também, no dia 29, dia de São Pedro, toca candomblé nas chamadas casas nagôs (Casa Branca e Afonjá) todos os anos e espero ansioso por esses dias. São João, a festa, nessa época, eu rezava para não existir. Ou melhor, não ser convidado, não ir, nem em Salvador ou em outro lugar qualquer.

Tem que haver disposição para um debate sobre exclusão comportamental, associada a identidades de gênero e sexualidades dissidentes, sem que se faça a redução de uma festa tão emblemática e necessária à heteronormatividade. Mas, a estruturação social que sustenta o racismo e o machismo, fincada historicamente no patriarcado, também orienta as desgastantes práticas de homofobia, transfobia e, para ordenar mais fortemente, a lgbtfobia. O que pretendo aqui, é expressar uma compreensão de que o formato do São João, em suas narrativas mais constantes, produz práticas de exclusão sexual, marcadas de heteronormatividade. A formação dos pares, o aconchego do namoro na fogueira, o casamento na roça, as quadrilhas “devem ser lindas com casais de verdade”³. Há no São João práticas de racismo e preconceito social. Mas, a questão sexual, muitas vezes, não é discutida e problematizada por negros e ne-

3 Ao longo do meu percurso em muitas festas juninas, ouvia pessoas dizerem: “olha só que bonitões, isso é um casal de verdade”. O que deveriam ser um homem e uma mulher cisgêneros, considerados bonitos e bem-vestidos para a ocupar os salões, os terreiros tradicionais do São João.

gras que estão fora das chamadas sexualidades dissidentes. Os e as mais pobres, todos e todas, vão à norma da festa, para encontrar a felicidade que está no parceiro e parceira, ou seja, no tal do sexo oposto. A rotina daquela diversão não deixa ninguém se desligar do seu lugar de pertencimento (LISPECTOR, 1999) e de privilégio por nascer em um corpo cis heterossexual. Na maioria das vezes, quem pensa sobre isso é quem sofre com isso, quase sempre em silêncio ou em negociação com o estabelecido.

Existe aqui uma *autoetnografia* amparada em algumas categorias de análise da antropologia de maneira geral, diálogos com a literatura brasileira, com a música, com as festas juninas e com pessoas que experimentam a vida do lugar da dissidência de gêneros e de sexualidades. A minha experiência de como me desconstruí para o São João na infância e, mais ainda, na idade adulta, como um jovem recalcado entre o medo e o desejo de ser como se é.

Sigo os passos dos relatos científicos de autores como Claude Lévi-Strauss (1996), Clifford Geertz (1989), Eduardo Viveiros de Castro (2002), Walter Goldschmidt (1977 apud SANTOS, 2017), ao qual me filio à noção de etnografia como uma narrativa de si, reverberando a premissa de que quase tudo que escrevi na minha vida é uma espécie de autoetnografia.

E mais. Não há aqui uma discussão aprofundada sobre as possibilidades e os limites das assertivas científicas de gênero. Debelo-me, analiticamente, contra atitudes comportamentais da heteronormatividade ferindo a minha sexualidade, a minha subjetividade masculina, numa festa que não permite, ainda, relações de partilha equânimes entre os sujeitos heterossexuais e os dissidentes dessas normativas.

Sobre autoetnografia, Santos (2017, p. 214) argumenta: “a autoetnografia pode ser reconhecida como metodologia científica e crítica, capaz de desvendar, em sua maneira autorreflexiva, novos e profícuos caminhos para a pesquisa sociológica”. Não nos cabe mais debater sobre o lugar das subjetividades na construção da nossa escrita acadêmica, elas sempre estiveram presentes. O tema que desenvolvo aqui exige algumas reflexões teóricas, aportes metodológicos, diálogos com autores. Mas, ele pousa na importância ética, de espelhar sensações de determinada coletividade (o público LGBT) que são muitas das minhas sensações, experimentando o social da festa de São João, justamente por eu pertencer a essa coletividade. Portanto, trago uma autoetnografia da minha experiência na principal festa junina que também revela outras experiências, outras inadequações vividas por aqueles e aquelas que amam e se comportam fora dos padrões sociobiológicos dessa nossa patriarcal sociedade.

Sensações aqui são tratadas como devem ser: maneiras fundamentais de (se-nos) conhecer. Essas possibilidades teórico-metodológicas estão presentes em pensadoras como Audre Lorde (2019) e Oyèrónké Oyěwùmí (2004, 2005), ambas sabedoras da importância do sentir nesse nosso caminhar como espécie, porque não podemos atrelar nossa capacidade de aprender (conhecer) tão somente à esfera da razão, fincada na maneira cartesiana de pensar.

Ao falar da importância da poesia em sua construção como mulher, Audre Lorde (2019) convocou as outras mulheres, em especial as negras, a escreverem sobre si, revelando subjetividades, sentimentos e sensações que dessem a elas a dimensão do “estar viva”, fora dos limites da racionalidade moderna, cartesiana, europeia. Em Lorde, conhecer é sentir e para ela a sua poesia nasceu ao explorar os seus sentimentos e não os seus pensamentos (LORDE, 2019, p. 47):

À medida que os conhecemos e os aceitamos, nossos sentimentos, e o ato de explorá-los com honestidade, se tornam santuários e campos férteis para as ideias mais radicais e ousadas. Eles se tornam um abrigo para aquela divergência tão necessária à mudança e à formulação de qualquer ação significativa.

Esse ato de se abrigar como uma espécie de divergência social trazido por Lorde para analisar as mulheres, me fez também pensar na minha inadequação acerca do São João: por que eu tinha que dançar com quem eu não queria? E por que ao dizer “sim” para a dama, eu sabia que estava me escondendo de mim e me permitia aquela dupla violência? Investigando as sensações sentidas outrora, meus sentimentos frente aos meus amigos e amigas, percebi que teria que gerar a minha própria transformação e aprender a liberdade de ser alegre ou triste, dentro da honestidade de ser quem eu era, quem eu sou. Não falo das múltiplas possibilidades das sexualidades, tão debatidas hoje, falo da minha homossexualidade reprimida, que era vista por outros e outras que exerciam um certo poder sobre mim por saberem que eu me escondia, então, eu me enfraquecia quando me submetia a esses esconderijos que a própria heteronormatividade constrói para adestrar os corpos dissidentes.

Essa é a cosmosensação do meu movimento de construção para a identidade que exprimo hoje. Tenho em mim, nessas descobertas psíquicas e antropológicas, o requinte teórico da filósofa nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2002), que ao conceituar cosmosensação ou cosmopercepção, problematiza as assertivas ocidentais baseadas tão somente no sentido da visão (cosmovisão) e se aporta em todos os sentidos que nos erguem como natureza humana e destaca em sua teoria o sentido da audição, mais forte que a visão nas sociedades africanas.

É justamente a visão, o que se via e vê no mundo dos forrós, que permite a aparência de normalidade “entre os casais de verdade” que ocupavam e ocupam os salões dessa festa. O sentimento guia minhas assertivas nessa autoetnografia, minha audição traz o susto das falas homofóbicas, dos estrondos dos fogos e as músicas, o paladar me faz reviver as guloseimas e a sede escondida pelo mesmo sexo, o olfato traz mais fortemente o cheiro de fumaça e pólvora, com o tato revivo a esperança do toque clandestino dos corpos masculinos que eu desejava, a visão me faz rememorar a beleza do céu, os arranjos e enfeites e a felicidade dos casais, me fazem pensar na minha lembrança mais dura: eu não pertencia aos festejos de São João.

MEU (RES)SENTIMENTO POR UMA FESTA

Para escrever este artigo eu me percorro todo. Indagando-me as sensações como Clarice Lispector ao erguer sua literatura, como Audre Lorde a escrever um poema, como Pier Paolo Pasolini a filmar seus sentimentos. Meu trajeto é mais que memória, significa tudo o que foi produzido em mim para que eu seja honesto em minha autoetnografia. Sensações que me impelem a poetar em noites de São João:

Nunca gostei de São João. Sempre fugia do medo de morrer queimado, pois sofri um acidente com fogo quando criança. Sendo asmático, o excesso de fumaça me incomodava e me adoecia. A fogueira me era sagrada, pois era a presença do orixá. As noites eram tristes apesar das luzes, uma falta me comovia e eu pedia para que tudo aquilo acabasse. Tinha de mais lindo: as comidas, a voz de Luiz Gonzaga, a possibilidade de viajar para Cachoeira e, na casa d’outros, viver o conforto que eu não tinha na minha. Fogo com medo, frio com desejo, o forró me infernizando, e eu me salvava nos versos de uma canção que ouvia compulsivo comendo amendoim.

Sempre fui triste demais para tanta alegria, praieiro demais para aquela sertanidade que não me absorvia e eu não tinha identidade.

Cresci detestando São João: comida boa e Luiz Gonzaga para ter alguma significação. Em minhas vergonhas e repressões sexuais, onde os amigos podiam ser o que eram em seus centros de masculinidade e feminilidade, eu triste e sem força, me escondia dos outros e tentava me esconder de mim. Que festa insuportavelmente heterocentrada: meu olhar esmagava minha cabeça com esses dizeres: os machos para as fêmeas e as fêmeas para os machos e, na minha ambiência só podia ser assim, do contrário, os risos, as pilhérias, insinuações, deprecições, rejeição. E se eu permiti tanta violência contra mim, era porque, no fundo, a maior rejeição vinha de mim para mim. E o medo de ser apontado e tudo muito difícil, porque

como adulto eu estava no lugar errado com as pessoas erradas para que eu pudesse ter coragem de namorar e amar como deveria ser o melhor em mim.

Fui me afastando dessa festa que nos é tão emblemática, completa, luminosa. A faísca dela mais abrasiva é o hino: “olha pro céu, meu amor, veja como ele está lindo». E eu olhava, tanta beleza aos meus olhos e ela não fora feita para mim, não me abrigava.

Hoje, noite de São João sem festa. Sem a chama sagrada de Xangô, sem as comidas típicas, até sem o som de Luiz Gonzaga, eu me arrependo de mim e da minha falta de coragem de enfrentar o apartheid das orientações sexuais quando adulto, e quando criança, deixar que a tristeza me tirasse do meu lugar de criança.

Eu quero a chance de aproveitar um São João todo em mim, de me esgarçar de felicidade, só ou acompanhado, comer, beber, dançar, sorrir e cantar outras coisas que não são somente Luiz Gonzaga.

Um São João onde a beleza do céu me pertença e que seja acesa, no centro da saúde da minha existência, a fogueira evocada pela canção. Eu quero sobreviver para também experimentar o novo que me faz rogar por isso.⁴

A crônica descrita acima perfila meu desabafo em viver uma noite de São João, em Salvador, sozinho em minha casa, obrigado, dessa vez, por conta da pandemia da covid-19. Portanto, ainda mais sensível e voltado para reflexões muito duras sobre nossa existência. Preso à ideia de finitude e ao quanto deixei que ordens sociais hegemônicas me arrancassem da possibilidade de sentir alegria. Quando deveria transgredir e enfrentar, a partir da ideia de que somos o que devemos ser, em acordo com a complexidade da nossa trajetória.

A experiência do São João quando criança me era bem contraditória. Eu queria viver aquilo tudo ali: dançar quadrilhas, comer as comidas, me vestir de caipira, viajar para Cachoeira e Muritiba, sentir a alegria dos outros meninos e meninas, soltar balões, fogos, viver instantes luminosos frente à fogueira, que para mim já tinha múltiplos sentidos. Contudo, eu era (sou) asmático e a pólvora e fumaça me expunham a crises dispneicas. Na minha casa, nem sempre tínhamos condições de comer todas as aquelas guloseimas; na casa dos outros, ficava acanhado para comer livremente e não me era permitido mesmo. Vestir-se de caipira no São João carecia de dinheiro também, exigia gastos extraordinários em relação ao vestuário necessário e

4 Esta crônica poética, como outras que escrevi há tempos, é da véspera de São João, 23 de junho de 2020, ela acabou sendo o motivo fundamental que me levou a escrever sobre os perfilamentos do São João como uma festa sustentada nos valores sociais da heteronormatividade.

que se economizasse para o ano inteiro. Balões eram sonho e perigo, caros e, sozinho, jamais conseguiria soltá-los; fogos, tinha alguns para os três dias da festa. Crescendo, ia escondendo de mim que as meninas não me atraíam de maneira sexual, e dançar, aos 14 anos, com meninos, eu performando (BUTLER, 1997, 2003)⁵ meu lugar de menino, era impossível. Então, entres demandas econômicas e a fundamental sensação de me sentir ali como eu realmente era, foi me desmobilizando para aquela festa e fui chegando à idade adulta com a nítida certeza de que toda beleza e alegria esparramadas não eram para mim, não me cabiam.

Adulto, com meu salário de professor da Educação Básica, na perspectiva de comprar e viajar para viver o “maravilhoso São João”⁶ do interior, já me era mais possível. Eu ia. Tinha crises de asma, me sentia deslocado, me escondia, sentia sensações profundas de solidão, tinha medo das bombas, rejeitava as comidas, vestia-me bem urbanamente, e no meu *diskman* só tocavam Caetano Veloso, Gal Costa e Billie Holiday, no sentido de sair da festa e estar ali somente pelo medo da solidão e para ficar perto de amigas e amigos (todos heterossexuais) que eu amava.

Como me foi bom, nesses tempos de agora saber que podemos (e podemos!) fazer uma antropologia baseada em cosmosensações (OYĚWŪMÍ, 2002) e tratar das minhas intimidades ao modo filosófico ensinado por Sobonfu Somé (2007), onde os nossos trajetos não estão soltos e não são meramente explicados pela vida material em sociedade: há um espírito de mim, vetor das minhas ancestralidades, que me marca no tempo da minha vida física, e me faz perceber e conhecer minha história em configurações socioexistenciais, levando-me a dizer que “a força estive o tempo todo em mim”⁷, que me foi permitido resistir e chegar até aqui, à elaboração deste artigo que desnuda minhas dores, mas expõe também a força ancestral que me guia e a minha capacidade analítica para gerar um saber que sirva de reflexão e de empoderamento para os meus e minhas que são LGBTQI+ e vivemos nesse tempo de agora, nessa sociedade de todas e todos nós.

5 Localizo-me aqui na noção de performatividade de Judith Butler, que afirma o seguinte: A performatividade é um ato que faz surgir o que nomeia e constitui-se na e pela linguagem. Ela se filia a teoria de Michel Foucault sobre a inscrição, afirmando que toda identidade de gênero funciona como uma forma de paródia produzida nas relações de poder. Então, faço uma alusão a Butler, para dizer que como menino não poderia dançar com outro menino numa performance de enamoramento.

6 Ouvia isso direto, era uma heresia dizer para os meus amigos que São João me entediava. Eu e outro amigo, também entediado com a festa por motivos diferentes aos meus (eu acho), dizíamos em coro: “É, São João, aquele bom”, numa ironia pouco engraçada e criativa.

7 Esses versos me acompanham, um mantra, que tem muito a ver com as elaborações que me chegam hoje com a filosofia das intimidades, de Sobonfu Somé (2007), vista um pouco aqui para realçar essa etnografia das minhas sensações e percepções.

DUAS CANÇÕES, DOIS LUGARES, A MESMA MATRIZ: O MEU SÃO JOÃO E O EXERCÍCIO DAS AFETIVIDADES

Para além do sabor do amendoim, da beleza das pessoas e das fogueiras, as canções de São João, principalmente as cantadas por Luiz Gonzaga (1951), sempre me tocaram. Mas, a que até hoje me fascina diz assim:

Olha pro céu, meu amor/ Vê como ele está lindo/ Olha pra aquele balão multicolor/ Como no céu vai sumindo/ Foi numa noite igual a esta/ Que tu me deste o coração/ O céu estava assim em festa/ Pois era noite de São João/ Havia balões no ar/ Xote, baião no salão/ E no terreiro o teu olhar/ Que incendiou meu coração. (OLHA PRO CÉU, 1951)⁸

Olha pro céu (1951) é uma das mais lindas canções de amor do nosso cancioneiro e, na minha opinião, o grande retrato do São João em sua afetividade publicamente permitida. A afetividade amorosa entre os opostos, entre o corpo masculino e o corpo feminino cisgêneros. Ouvia essa canção na infância compulsivamente; na adolescência, ela me tornava ainda mais triste. Quando adulto, entre os 20 e 30 anos, me pegava chorando de cortante tristeza que comecei a evitá-la de todas as maneiras. *Olha pro céu*, me arrebatou de novo e passei a ouvi-la com dilacerante alegria, em 2004, com o show *Brasileirinho*⁹, de Maria Bethânia, onde aquela voz, aquela banda, aquele cenário junino, me centralizou numa espécie de São João reinventado, que me cabia, no meu imaginário, exercitando a minha afetossexualidade.

Todo sentido de festa começa com o sentimento alegria. Festejar o aniversário, celebrar o casamento, louvar o santo de devoção, se soltar no carnaval. É claro que, numa visão antropológica, a festa é um lugar de complexidades e, como diz Fátima Tavares (2019, p. 15), devemos “prestar atenção nas transformações que são operadas no decorrer do evento que ‘vaza’ em festa”. O vazar ou os vazares dessa celebração junina ocorreram, ocorrem e ocorrerão. Como qualquer agrupamento de humanos predispostos sob a égide das leis, existem os transgressores. Muitos me pegaram, eu peguei em muitos, alguns localizados e satisfeitos como homens heterossexuais, outros enrustidos como eu; nada de assumidos, pois eles me levariam para o tipo de visibilidade que eu não queria ter. Mas, é a formatação da festa de São João, em suas maneiras tradicionais, o

8 *Olha pro céu*, canção de autoria de José Fernandes e Luiz Gonzaga. Grande hino do São João nordestino. Luiz Gonzaga, o gravou pela RCA-Victor, 1951, em 78 rotações.

9 Em 2003, Maria Bethânia gravou, pelo Selo Quitanda, da Gravadora carioca Biscoito Fino, o CD *Brasileirinho*, em que celebrava as festividades e religiosidades dos povos interioranos do Brasil. O CD, virou um show arrebatador, histórico para o cancioneiro brasileiro, e incursionou por algumas capitais do país, inclusive Salvador. Tive a oportunidade de vê-lo no Teatro Castro Alves. O show foi gravado e se transformou no DVD homônimo, que utilizo sempre em minhas aulas, quando a temática é festas e religiosidades do interior.

que me faz dizer que ela promove a ratificação de uma “normalidade existencial”, baseada em princípios da heteronormatividade.

Ao desfiar essa narrativa autoetnográfica, me ocorre a memória de outra canção, na voz de Gal Costa, de autoria de Gonzaguinha, filho de Luiz Gonzaga, nascido e criado no Rio de Janeiro. A letra diz assim:

E o menino com o brilho do sol/ Na menina dos olhos / Sorri e estende a mão/ Entregando o seu coração/ E eu entrego o meu coração/ E eu entro na roda/ E canto as antigas cantigas/ De amigo irmão/ As canções de amanhecer/ Lumiar e escuridão/ E é como se eu despertasse de um sonho/ Que não me deixou viver/ E a vida explodisse em meu peito/ Com as cores que eu não sonhei/ E é como se eu descobrisse que a força/ Esteve o tempo todo em mim/ E é como se então de repente eu chegasse/ Ao fundo do fim/ De volta ao começo/ Ao fundo do fim/ De volta ao começo. (COSTA, 1984))

De volta ao começo (1980) já foi gravada por Gonzaguinha, seu autor, em 1980. Depois, artistas como Nana Caymmi e Roupas Nova também a gravaram. Mas, o registro mais profundo dela em mim, me vem na voz de Gal Costa. Ela gravou no disco *Profana*, em 1984. Nessa época, eu tinha 14 anos e vivi essa canção em muitos São Joãos, buscando a força que morava em mim, para me encontrar pleno, tempos depois, com a identidade que me definiu: a homossexualidade.

A chamada Música Popular Brasileira me ajudou na minha elaboração como sujeito. Desde criança ouvia muito as rádios e me detinha a pensar nas letras, em construções poéticas que, em grande parte, eram formas filosóficas de pensar a sociedade brasileira, artistas como Belchior, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Chico Buarque, Nelson Cavaquinho, Paulinho da Viola, Gonzaguinha, Cartola, Djavan, Caetano Veloso, Marina Lima, Angela Ro Ro, Rita Lee, Aldir Blanc, João Bosco, Sueli Costa, Joyce, Renato Russo, Cazuza, Herbert Vianna, pensando só em compositores e compositoras, entre outros e outras, neles e nelas estava parte do esteio que eu usava contra a solidão e como estímulo ao estudo. Caetano Veloso, por exemplo, foi o mais significativo para que eu tocasse nas questões secretas da minha sexualidade e, na figura dele, vinha uma certa esperança de que um dia eu poderia ser do meu jeito, que no fundo, eu ainda não sabia o que seria, mas tinha a ver com aquela expressão de uma sexualidade livre viajando em possíveis amálgamas identitários de gênero. Despertei para a minha homossexualidade – essa força em minha existência, à luz da obra de Caetano Veloso, ouvindo as suas canções dos finais dos anos 1970 e durante toda a década de 1980. Aqueles discos (Joia, 1975; Bicho, 1977; Qualquer Coisa, 1975; Cinema Transcendental, 1979; Outras Palavras, 1981; Uns, 1983; Velô, 1984; To-

talmente Demais, 1986) me iluminavam de uma cultura pop elaborada que me ajudou, de alguma forma, a não ter tanta vergonha de mim.

Em meio a tudo isso, a voz de Gal Costa. Outra maneira sublime de vencer a solidão daquele tempo de dor e descobertas. Gal me tirava do urbano provinciano de Salvador e me levava para a centralidade cultural do Rio de Janeiro. Uma voz que me acompanha desde os sete ou oito anos de idade, que só depois dos meus 24 anos perdeu o lugar de favorita em mim para Maria Bethânia, de quem eu gostava desde sempre. Foram muitos São Joãos com o ouvido em Gal para esquecer que eu estava na festa. E, contraditoriamente, a música que eu mais ouvia era *De volta ao começo*. Essa canção não me tirava da dor, mas me impelia a pensar na força que eu tinha: a letra falava do encontro entre um menino e menina, no delicado do amor nascido, e eu fantasiava, me transgredia, aguçado pela enorme beleza da voz e do canto, aquela melodia, os arranjos e uma poesia que me fazia sonhar. E eu podia, assim, evitar a alegria das canções juninas embalando os outros que podiam publicamente amar, mas que eu não podia. Aliás, não tinha força para exercer esse poder do meu querer. A canção me dizia que: “a força esteve o tempo todo em mim”, mas eu não queria ouvir (cosmosensação), pois, como analisa Oyèrónké Oyèwùmí (2002), eu só via (cosmovisão) o que o mundo da heteronormatividade estabelecia como normal.

Então, o São João me dividiu, durante muito tempo, em dois lugares: o interior da Bahia numa festa que eu não festejava, sofria, e o litoral entre duas cidades muito amadas por mim, o Rio de Janeiro, como a utopia do sair, e a Salvador, como escolha imediata do ficar perto da voz de Gal, dentro do mar, na praia do Porto da Barra.

Nesse tempo, minha afetividade era me dedicar religiosamente aos amigos e amigas, preso a certezas que me enganavam, a amores silenciosos e platônicos, a performances de uma heterossexualidade que nunca existiu. O São João gritava isso para mim: você não é heterossexual, você não é normal, aqui nada lhe cabe. E quando ouvia *Olha pro céu*, de Gonzagão, sem o antídoto *De volta ao começo*, de Gonzaguinha, eu chorava perdido e contido no meio de uma multidão, entre amigos e amigas, que nessa hora, não me viam.

CONCLUSÃO

Não se buscou nesse percurso autoetnográfico reduzir o São João, festejo de grande importância para a expressão das riquezas culturais brasileiras, fundamentalmente erguidas no Nordeste do país, a esquemas ordinários disso a que chamamos heteronormatividade. Meu objetivo maior foi navegar nas águas

da minha percepção, memórias, experiências, elaborações a partir de aportes teóricos encontrados em autores como Anderson Jonas das Neves (2017), Silvio Matheus Alves Santos (2017), Fátima Tavares (2019), Clarice Lispector (1999), Audre Lorde (2019), Oyèrónké Oyěwùmí (2004, 2005), Sobonfu Somé (2007), Judith Butler (1997, 2003), Vivaldo da Costa Lima (2003), entre outros e outras, para dizer autoetnograficamente o quanto o São João, em sua ampla expressão pública e popular, é uma festa excludente, alicerçada em regras heterocêntricas que invisibilizam identidades de gêneros e sexualidades fora das performances sociais do universo heterossexual cisgênero.

Em relação a autoetnografia, Silvio Matheus Alves Santos (2017, p. 221) cita: “Walter Goldschmidt (1977) observou que ‘toda etnografia’ é autoetnografia na medida em que revela investimentos pessoais, interpretações e análises”, portanto, penso que este meu relato autoetnográfico nos conduz a algumas reflexões de caráter antropológico de como, muitas vezes, pode ser insuportável a experiência do São João na vida de um adolescente ou jovem gay. Penso que a festa sofrerá e já vem sofrendo transformações em relação a práticas gritantes de lgbtobia, em sua duração como evento anual, que ocorre oficialmente entre os dias 23 e 24 de junho.

O posicionamento conceitual de literatas pensadoras trazido aqui, Audre Lorde e Clarice Lispector, me conduziu a refletir sobre os meus sentimentos em relação à festa, e de como esses sentimentos dão conta da minha subjetividade, me fazendo sentir o que foi e é essa festa no percurso da minha existência. Se escrevia poeticamente no São João expressando minhas dores, ao mesmo tempo, construía uma consciência holística do quanto aquilo tudo me fazia mal. A noção reluzente de pertencimento em Clarice Lispector (1999), recorrente em muitas de suas crônicas e contos, numa ânsia de se saber pertencida ao mundo e às coisas, me ajudou a traduzir o meu sentimento de não pertencer ao evento festivo do São João. Para Clarice, o sentimento de pertencer é imprescindível para a existência em seu atributo humano fundamental que é a vida em comunidade.

Este artigo é fruto de muitas indagações sobre a minha condição sexual, em todas as vezes que experimentei as festas de São João até mais ou menos os meus 30 anos, estou hoje com 50. Aos 34, tive uma experiência arrebatadora com o show *Brasileirinho* de Maria Bethânia (2004), que me fez repensar minha postura em relação ao São João, banhado na profundidade daquele discurso estético e sociológico trazido pela cantora: a partir dali, não fugiria mais da festa, iria enfrentá-la com todas as sensações acesas, ligadas, dirigidas, e aproveitar

suas belezas e delícias, me afirmar dentro da possibilidade de ser um corpo gay nas relações ali estabelecidas.

Ao longo dos últimos dez anos, estive mais fora que dentro do São João. Das vezes que fui à festa, já esvaziado da tristeza definidora desses meus instantes, tive a oportunidade de sentir mudanças quanto a “gayzada” ocupando os salões. Mas, quanto à estrutura, a festa continua a perfilar seus princípios heteronormativos e a imprimir a beleza dos casais heterossexuais cisgêneros.

Quero externar o perigo da heteronormatividade num sistema socioexistencial baseado na cultura cisgênero, para quem precisa aprender a ser fora dos padrões estabelecidos e não se permitir as cobranças perversas da “normalidade”. Essa autoetnografia é um discurso político também. É um pensamento encarnado nas dores de muitas experiências que tive e que as transformei em possibilidades poéticas e científicas.

Não é uma análise contra a festa de São João. Ao contrário, espero que ela se transforme e que os mais variados casais, das mais “discrepantes” identidades de gênero e sexualidades, possam ocupar os salões e ouvir de Elba Ramalho a Gilberto Gil, de Domingos a Luiz Gonzaga, e todos os novos e velhos seguidores nessa empreitada de “levantar o poeirão”¹⁰.

As minhas cosmosensações, guiadas aqui à luz de Oyèrónké Oyèwùmí (2002), me permitem problematizar experiências festivas das culturas que me forjaram para que, próximo a ciências como a antropologia, possamos encontrar caminhos que desestruturem não só a heteronormatividade, mas, enfim, todo o patriarcado.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRINHO ao vivo. Direção: Bia Lessa. Intérprete: Maria Bethânia. Rio de Janeiro: Gravadora Biscoito Fino, 2004. 1 dvd.

BUTLER, J. *Excitable Speech. A Politics of the Performatives*. New York: Routledge, 1997.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Gal. De volta ao começo (canção). Rio de Janeiro: RCA VICTOR (Gravadora), 1984

FORRÓ DO POEIRÃO. Intérprete: Elba Ramalho. Compositor: Cecéu. *In: DO JEITO que a gente gosta*. Intérprete: Elba Ramalho. Barclay/Polygram, 1984.

¹⁰ Retirado da canção, Forró do Poirão, de autoria de Cecéu, gravado por Elba Ramalho, no disco *Do jeito que a gente gosta*, de 1984.

- GEERTZ, C. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- LIMA, F. *Diáspora e ancestralidade*. Salvador: Kawo-Kabiyesele, 2015.
- LIMA, V. C. *A Família de Santo nos candomblés jejes-nagôs na Bahia: um estudo de relações intragrupais*. 2 ed. Salvador: Corrupio, 2003.
- LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LORDE, A. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.
- MARCOS, M. *Sob a égide das águas: escritos jornalísticos sobre candomblé*. Salvador: Kawo-Kabiyesele, 2015.
- NEVES, A. J. Uma interpretação analítico-comportamental de aspectos culturais e simbólicos da fogueira de São João. *Perspectivas*. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 79-96, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18761/pac.2016.035>.
- OLHA pro céu. Intérprete: Luiz Gonzaga. Compositores: José Fernandes e Luiz Gonzaga. In: OLHA pro céu. Intérprete: Luiz Gonzaga. RCA Records Label, 1951.
- OYĚWÙMÍ, O. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: Oyèwùmí O. (ed.) *African Gender Studies: A Reader*. New York: Palgrave MacMillan, 2005. p. 391-415.
- OYĚWÙMÍ, O. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução de Juliana Araújo Lopes, para uso didático. Original: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Coalcepts and the challenge of African Epistemologies*. Dakar: Codesria, 2004. p. 1-8.
- PASSOS, M. M. V. *Iyá Zulmira de Zumbá: uma trajetória entre nações de candomblé*, 2016, 191f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23894>. Acesso em: 4 maio 2022.
- SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural: revista de ciências sociais*. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972/133158>. Acesso em: 4 maio 2022.
- SILVEIRA, R. *O candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto*. Salvador: Maianga, 2006.
- SOMÉ, S. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. 2 ed. São Paulo: Odysseus, 2007.
- TAVARES, F. *Inventário das festas e eventos na Baía de Todos os Santos*. Salvador: EDUFBA, 2019.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: COSAC & Naify, 2002.